

Paulina Chiziane: construção-desconstrução de Moçambique

Paulina Chiziane: Mozambique construction-desconstruction

Marinete Luzia Francisca de Souza*
marineteluzia2@gmail.com
Universidade Federal do Mato Grosso

Paulo Geovane e Silva**
paulogeovanesilva@gmail.com
FACISA-BH/Universidade de Coimbra

RESUMO: A narrativa de Paulina Chiziane descreve o estatuto da mulher em uma sociedade africana patriarcal, a moçambicana. Analisamos, neste estudo, os romances *Balada de Amor ao Vento* (1990), *Niketche*, *Uma História de Poligamia* (2002) e *O Alegre Canto da Perdiz* (2008) identificando como Paulina Chiziane veicula a perspectiva feminina no contexto da desconstrução-construção de Moçambique, ou seja, como as identidades femininas e nacionais se relacionam no contexto pós-colonial. Ambivalência e dialogia são duas das características principais.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Identidade. Pós-colonialismo. Nação.

ABSTRACT: Paulinha Chiziane's narrative describes the woman status in the patriarchal Mozambican society. In this essay we analyze the novels *Balada de Amor ao Vento* (1990), *Niketche*, *Uma História de Poligamia* (2002) and *O Alegre Canto da Perdiz* (2008) in order to identify how Paulina Chiziane transmits the female perspective in the context of construction-desconstruction of Mozambique, that is, how the female and the national identities are related in the postcolonial context. Ambivalence and dialogia are the key features.

KEYWORDS: Woman. Identity. Postcolonialism. Nation.

* Doutora em Literatura de Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, FLUC, Portugal e professora da Universidade Federal do Mato Grosso

** Mestre em Estudos literários e culturais e doutorando em Literaturas africanas de língua portuguesa pela Universidade de Coimbra e professor da Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas de Belo Horizonte (FACISA-BH)

1 Contextualização: o discurso feminino em contexto moçambicano

Discute-se, neste trabalho, de maneira crítica e situada, o lugar da mulher na literatura pós-colonial moçambicana, mais especificamente a partir da narrativa de Paulina Chiziane. Considerando o viés polifônico da obra da escritora, isto é, que, sendo mulher, dá voz a outras mulheres e procura resgatar as suas histórias, apresenta-se a obra da escritora aproximando-a com os estudos pós-coloniais e feministas, sobretudo através da teoria da oscilação do gênero de Judith Butler e do ensaio *Can the Subaltern Speak?*, de Gayatri Chakravorty Spivak. Numa segunda fase, é dedicada maior atenção aos três romances estudados: *Balada de Amor ao Vento* (1999), *Niketche, Uma História de Poligamia* (2002) e *O Alegre Canto da Perdiz* (2008)¹. Depois, propõe-se uma breve relação entre a obra de Paulina Chiziane e o processo de descolonização de Moçambique. Nessa análise, serão explicitados os motivos que, na nossa concepção, farão desta obra uma referência em termos de nacionalidade: a recuperação de lendas e tradições mais genuínas, colocadas ao lado do processo de colonização pelo qual passou Moçambique, mas também a forma como a autora vislumbra uma nova nação, o que passa pela ideia de pluralidade e respeito pelas diferenças, ou melhor, pela ambivalência, como lhe chamou Homi Bhabha (1998).

Porque a discussão pós-colonial é ampla e multidisciplinar, este ensaio circundará, sobretudo, as seguintes questões: a forma como Paulina Chiziane constrói as suas heroínas, bem como as relações entre o discurso narrativo e as questões de gênero, raça e nação, no contexto da descolonização moçambicana. Procura-se, assim, a construção de uma leitura crítica da obra de Chiziane sem, contudo, se limitar à crítica pós-colonial feminista. Tentar-se-á ver a sua obra como representativa da nação moçambicana e que, justamente por isso, insere-se no contexto de uma literatura emergente. Entrará a obra de Chiziane para o cânone moçambicano e/ou, para além disso, favorecerá a uma “descolonização do imaginário” (GRUZINKI, 2006) relacionado com a mulher negra?

2 Pós-colonilidade e ambivalência: o lugar da literarura e crítica feminista na intrincada rede de relações da literatura emergente moçambicana

¹ Chiziane também é autora dos romances *Ventos do Apocalipse* (1993) e *o Sétimo Juramento* (2000).

Informa-nos Claudio Guillén que, “al hablar de una literatura naciente, nuestra pregunta primera ha de ser: ¿cuáles son sus señas de individualidad posible?” (1998, p. 300). No que diz respeito à literatura moçambicana, a individualidade desta é marcada por um processo de colonização e descolonização, cujos momentos históricos se associam às diversas “contradições estéticas/ideológicas [que] criaram condições para a ascensão de novos modelos culturais” (MENDONÇA, 2008, p. 20). Note-se primeiramente que o conceito de “literatura emergente” como fruto das teorias pós-coloniais poderá ser problemático, como expressou a estudiosa da literatura moçambicana, Fátima Mendonça, quando a matéria é o emprego da teoria e do conceito supracitados:

Embora não recuse o interesse de um *corpus* teórico subjacente às reflexões sobre questões comuns às literaturas produzidas no quadro das diferentes colonizações, não posso deixar de concordar com algumas das reservas na sua aplicação, nomeadamente o facto de estas teorias terem os seus próprios limites e de correrem o risco de virem a ser cúmplices da «imaginação colonial», ao representar de forma totalizante as literaturas que emergiram de situações coloniais, independente da conjuntura histórica em que se desenvolveram (MENDONÇA, 2008, p. 19)

Nestes termos, ao recorrermos à teoria pós-colonial – que neste texto funciona como uma forma de reavaliar o processo de emancipação da literatura nacional, considerando a sua contribuição e as suas limitações, e focando um dos seus aspectos, a identidade feminina na sua relação com a identidade nacional moçambicana –, longe de se considerarem as limitações que essa teoria apresenta, tencionamos corroborar a ideia de que as correntes teóricas pós-coloniais constituem um decisivo espaço crítico que visa fomentar políticas emancipadoras, além de articular possibilidades de releituras de obras literárias clássicas.

Em segundo lugar – ainda sobre a questão pós-colonial –, deve-se ter bem clara a distinção existente entre as duas acepções do termo. Para Santos,

a primeira é a de um período histórico, o que se sucede à independência das colónias; a segunda é de um conjunto de práticas e discursos que desconstruem a narrativa colonial, escrita pelo colonizador, e procuram substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado (2002, p. 233).

Apesar de Boaventura de Sousa Santos enfatizar o recorte culturalista da segunda acepção, na qual se integram, entre outros, os estudos literários, pode-se afirmar que, em certos casos, os mesmos estudos silenciam algumas perspectivas

de análise devido à focagem demasiadamente centrada em especialidades da primeira acepção. Por essa razão, e embora tenhamos consciência de que uma crítica centrada na mulher e no seu papel na sociedade moçambicana fugiria ao objeto literário, sustentamos que a ambivalência do discurso de Chiziane permite que discurso literário e discurso histórico se entrecruzem no profundo trabalho de elaboração estética de que se faz a narrativa literária de ficção.

Este encontro conduz-nos a um exame não apenas da representação da mulher na sociedade moçambicana, mas também do uso que a autora – também ela uma voz feminina – faz das lendas, das tradições e da história Moçambicana, focando na situação da mulher: exploração do seu trabalho e corpo, violência institucionalizada e, ainda, o modo como esta passou para a sociedade contemporânea.

Mas, apesar disso, Chiziane escolhe um tema central, a condição da mulher, e é exatamente essa temática que fará com que os traços regionalistas da sua obra passem a ser também universalistas, uma vez que trata daquilo que vai no fundo da alma humana – nomeadamente a alma feminina.

Retomando o tema central deste tópico, a ambivalência do discurso chiziano, nota-se que a autora procura dar voz às mulheres dos diversos momentos históricos do seu país: as dos períodos anteriores ao domínio português, no primeiro romance, quando as mulheres mais velhas instruem Sarnau sobre o seu papel numa família poligâmica; as do período colonial, das quais Delfina é a principal representante; e as de Moçambique independente, personalizadas em Rami e nas outras esposas de Tony. Mas a ambivalência do seu discurso é mais ampla, porque retrata, nos lares de Sarnau, Maria das Dores e Rami, a cultura poligâmica que, a princípio, faria parte do passado.

É justamente essa multiplicidade que nos leva a pensar na relação entre literatura nacional e nação. Entretanto, no caso moçambicano (como no dos restantes países africanos e latino-americanos), diversamente do que aconteceu na maioria dos países europeus e em algumas ex-colônias, como o Cambodja e o Vietnã, o *não-estado* preexistia à nação (CHABAL, 1994, p. 16). Foi o estado colonial que formou os estados-nação de maneira violenta, arbitrária, impondo formas de conhecimento alienígenas, sem levar em consideração os traços culturais

dos grupos étnicos locais e suas várias formas de conhecimento válido². Deste modo, compreender a emergência da literatura moçambicana envolve discutir três de seus aspectos principais que, para Patrick Chabal, são: a questão da língua; a natureza da relação entre a literatura africana e a metropolitana, e o laço existente entre a cultura e a literatura africanas (CHABAL, 1994, p. 17). Neste trabalho, interessa investigar a relação entre cultura e literatura, assim como o papel que a mulher ocupa em ambas.

3 Identidade: mulher e nação na obra de Paulina Chiziane

Neste ponto, tratamos de cada um dos três romances estudados, *Balada de Amor ao Vento*, *O Alegre Canto da Perdiz* e *Niketche, Uma História de Poligamia*. O primeiro texto aponta para o cumprimento dos ritos e costumes sacros. Resumindo-o em poucas palavras, poderia definir-se nos seguintes termos: mulher, ritos, sacralidade, opressão, poligamia. Neste romance, Paulina Chiziane narra a história de Sarnau, suas alegrias e tormentos, seu relacionamento com Mwando até à separação e ao reencontro. Mas, antes de tudo, trata do conflito vivido por uma mulher moçambicana entre o seu mundo interior e o mundo tradicional. O namoro de Sarnau e Mwando não prospera e cada um segue o seu rumo. Mwando, de família cristã, contrai casamento monogâmico, e Sarnau torna-se a primeira esposa do futuro rei das terras de Mambone.

Depois de anos, Mwando retorna e eles vivem outro romance. Perseguidos, acabam separando-se. Mwando, depois de se envolver com a mulher de um sipaio (soldado), foi deportado para Angola, onde passou quinze anos trabalhando nas lavouras de café. Um filho de Sarnau e Mwando, gerado enquanto ela era rainha, é coroado rei, enquanto a mãe se prostitui para sobreviver.

As tradições ligadas aos afazeres femininos são intensamente retratadas no romance iniciado com as lembranças que Sarnau traz da sua infância. Além disso, a mulher está submetida a situações de violência física e psicológica, a um nível amplo e variado:

Vacas caminham, lesmas para o sacrifício; as cabras ruminam a última erva; galos e galinhas berram na sua despedida ao sol, prepara-se o casamento do filho rei, Sarnau, o teu homem é teu senhor. Se ele, furioso, agredir o seu corpo, grita de júbilo porque te ama (CHIZIANE, 2007, p. 43).

² Isto resume o que o sociólogo Boaventura de Sousa Santos chama de “epistemicídio”.

As mulheres arrumam as tranças, engomam os vestidos, e as capulanas, preparam todos os ornamentos, é a manhã em que se casa o filho do rei, escuta, mulher, o homem é o teu protector e o melhor homem é o mais desejado. Se ele trazer uma amante só para conversar recebe-o com um sorriso, aqueça a água que se irão estimular depois do repouso, o homem, Sarnau, não foi feito para uma só mulher (CHIZIANE, 2007, p. 43).

Sufrimento e dor são narrados de modo lírico e contínuo, mas a continuidade é rompida porque o amor polígamo e violento empurra a personagem para a traição e, mais tarde, para a marginalidade. Entretanto, apesar da sua condição, Sarnau mantém sempre uma perspectiva positiva da vida, acreditando de forma incondicional no amor.

Entre os aspectos mais retratados no romance estão os afazeres femininos, pilar, cozinhar, servir o marido de joelhos como mandava a tradição. Mas esse tipo de submissão é conjugado com a violência física, tida como normal no espaço social da Mambone do tempo em que se passa a história: “Arremessou-me um violento pontapé no traseiro que me deixou estatelada no chão. Minutos depois voltei à posição inicial. Enviou-me uma bofetada impiedosa que faz saltar um dente” (CHIZIANE, 2007, p. 56)³.

Todo este ciclo de violência está ligado aos costumes e às tradições, feitiços e superstições fundados, inclusive, nas relações com os fenômenos naturais e de gênero. Veja-se, por exemplo, a relação entre o rei e uma de suas esposas que fizera um feitiço para Sarnau: “a Phati está doente, muito doente mesmo. Na segunda-feira, trouxe um feitiço para eu morrer no parto, mas o meu marido descobriu isso em sonhos, espancou-a, impiedosamente” (CHIZIANE, 2003, p. 89).

O momento pós-colonial e também pós-guerra civil é, para Moçambique, um momento de reconstrução do tecido familiar, das estruturas de poder e de análise da cultura. Assim, se autores como Mia Couto tratam dos retalhos das nações a partir de sua imersão num conflito interno, Chiziane o faz por meio da memória, recolhendo e contando histórias a partir de sua condição de mulher, cuja diferença reflete exatamente a situacionalidade da mulher dentro da cultura moçambicana.

As relações matrimoniais expressas no romance estão baseadas numa premissa cultural bastante enraizada, que garante a legitimidade e a continuidade do

³ A cena passa-se após o momento em que Sarnau, a personagem-narradora, encontra o marido com uma amante que havia de se tornar uma outra esposa.

processo social (BUTLER, 1999, p. 5). Em Paulina Chiziane, tal universalidade do discurso dominante (machista) é prejudicada pelas restrições da linguagem impostas pelos monólogos interiores de suas heroínas, que expõem as práticas reguladoras da identidade nas sociedades tradicionais em que vivem. Interiormente, negam-se à performatividade⁴, mas, socialmente, cumprem-na dentro dos paradigmas da tradição, que não é totalmente rompida.

A performatividade do gênero é questionada de modo direto e indireto nos três romances analisados. Em *O Alegre Canto da Perdiz*, a personagem Delfina assume a condição de protagonista, pois rasura as relações entre homens e mulheres quando não aceita a sua condição de inferioridade imposta pela sociedade colonial sob a égide do império português.

A obra conta a história de Delfina, de sua juventude, período em que trabalha como prostituta no cais, passando pelos dois casamentos, um com José dos Montes, com quem tem dois filhos negros, e o outro com um colono português⁵, com quem tem dois filhos mulatos, e, por fim, pelo abandono do segundo marido e o retorno à prostituição. Essas circunstâncias e condições levam à separação da família e ao sumiço da filha mais velha, Maria das Dores, que surge para o leitor no primeiro capítulo do romance como a louca do rio: “uma mulher negra, tão negra como as esculturas de pau-preto” (CHIZIANE, 2008, p. 11), e é a partir da busca por suas origens que se desenrola a história de sua família.

Note-se então que Delfina faz várias tentativas: a) a prostituição, profissão com que sustenta os pais e também os próprios luxos; b) o casamento com um negro e o ato de convencê-lo a assimilar-se, mas descontente com essa situação, pois a condição de assimilado os colocaria numa situação um pouco melhor que os demais negros – nesse sentido, ela exige mais de José dos Montes, que decide abandoná-la; c) o segundo casamento com o colono Soares, que também a abandona. Ambos os casamentos favorecem a sua aceitação na comunidade, mas há limites: Delfina continua negra e, por isso mesmo, rejeita duplamente a condição de submissa e negra.

⁴ A ideia de gênero como performance é desenvolvida por Judith Butler em sua obra *Gender Trouble, Feminism and the Subversion of Identity* (1999).

⁵ Ao se casar com um branco, Delfina ofende-se quando este a chama de “minha preta, minha pretinha”. A narradora, onisciente, comenta que Delfina “já tinha ultrapassado as fronteiras de uma negra. Ela já tinha um homem branco e filhos mulatos. Ela já falava bom português e tinha a pele clareada pelos cremes e cabeleira postiça. Sou preta sim, só na pele. Já sou mais do que preta, casei com um branco” (CHIZIANE, 2008, p. 225).

O *Alegre Canto da Perdiz* apresenta-nos, em relação ao *Balada de Amor ao Vento*, um segundo tempo histórico, ou da nação moçambicana, e analisa, em síntese, as marcas da colonização, da hibridização e os dilemas femininos. Ou seja, permite ao leitor pensar que estratégias as mulheres africanas teriam desenvolvido para protegerem-se a si e a seus filhos no contexto de dominação colonial.

Delfina é, portanto, o perfeito resultado de uma cultura imposta pelo regime colonial no confronto com a genuína cultura moçambicana. A personagem assume, assim, o preconceito dos brancos em relação aos negros, dando maior atenção aos filhos mulatos⁶, reproduzindo assim determinadas opressões da estrutura social no interior do seu próprio lar. As razões que a levam a fazê-lo são muitas, entre as quais a discriminação vivida pelos negros e os privilégios recebidos pelos *assimilados*; a influência do discurso de sua mãe quando esta justifica sua oposição ao seu casamento com José dos Montes, dizendo que, ao casar-se com um negro e com ele ter filhos, a mulher negra sustentava a escravidão⁷.

Mas, embora este discurso possa ter influenciado Delfina, a personagem não era consciente disso, pois corresponde ao estereótipo da mulher negra volúvel e boêmia. Depois de abandonada pelo segundo marido, Delfina desinteressa-se dos filhos, explora a filha mais velha por ser negra e vende-a a um bruxo poligâmico.

Há, portanto, nas literaturas pós-coloniais, uma intensa relação entre raça, cultura e nação. Esta relação foi deflagrada pelos intensos programas de sujeição coloniais europeus, pois, embora se tentassem difundir os valores europeus

⁶ Delfina faz diferença dos filhos à mesa, sobrecarrega a filha negra, colocando-a para cuidar das demais crianças. Note-se, por exemplo, o fragmento: “na hora da refeição repetia-se o mesmo discurso. Jacinta, lavastes as mãos? Não podes vir para a mesa com as mãos sujas de poeira da terra, senão ficam pretas como as da Maria das Dores.” (CHIZIANE, 2008, p. 230); ou em conversa com o Soares: “Queres que eu respeite os negros, Soares? O pai deles, este pescador, sipaio, plantador de coco, o que é que já lhes deu? Eles deviam agradecer a mim, Delfina, pela sorte de lhes ter dado um padraço banco” (CHIZIANE, 2008, p. 231). A situação é recorrente. Jacinta, por ser mulata, é rejeitada pelas crianças negras e pelas brancas, encontrando proteção apenas na irmã, Maria das Dores; Soares tenta convencer Delfina a não fantasiar-se de branca etc. A ideia de mulato como degeneração das raças foi muito recorrente durante o século XIX, estando presente em diversos autores, entre eles Blyden.

⁷ “Se conhecesses as insónias, velando o sono de cada criança, olhando para as estrelas do céu, e depois abrir o corpo para um companheiro ocasional, fazer amor que nada tem de amor, mas de ódio, só para voltar a engravidar, satisfazendo a teimosia do ventre de não fechar as comportas da vida! Alguma vez perguntaram o que sente uma mãe ao ver os filhos partir para a escravatura? E tu, Delfina, escolhes o caminho do sofrimento, vais casar com um preto, parir mais pretos e mais desgraças. Com tantos brancos que te querem bem. Não custa nada eliminar a tua raça para ganhar a liberdade. Temos que resistir, Delfina, temos que resistir. Temos que nos submeter à vida que nos impõem, acreditar no Deus deles, este ser invisível e sem formas concreta [...] Mas um dia virá em que o mundo inteiro se recordará do sofrimento da mãe negra e nos pedirá perdão, pelos filhos que nos roubaram, arrancaram, venderam” (CHIZIANE, 2008, p.101-102).

(religião, modos de vestir, filosofia e pensamento), difundiam-se também as diferenças entre o burguês europeu, no contexto colonial, o colono, e os nativos, distinguidos entre diferenças gerais e particulares. Note-se, por exemplo, o que ocorre quando José dos Montes aceita assimilar-se. Ele, tal como Delfina, passa a distinguir-se dos demais moçambicanos:

Quem não se ajoelha perante o poder do império não poderá ascender ao estatuto de cidadão. Se não conhece as palavras da nova fala jamais se poderá afirmar. Vamos, jura por tudo que não dirás mais uma palavra nessa língua bárbara. Jura, renuncia, mata tudo, para nasceres outra vez. Mata a tua língua, a tua tribo, a tua crença. Vamos, queima os teus amuletos, os velhos altares e os velhos espíritos pagãos (CHIZIANE, 2008, p. 117).

Após este momento, embora Delfina passasse a uma nova condição, continua a ser mulher e não pode exercer profissão alguma, pois a prostituição (única profissão que lhe era destinada no microcosmos narrativo de *O Alegre Canto da Perdiz*, pois não tinha formação alguma e as profissões destinadas às mulheres eram poucas) não seria condizente nem com a sua condição de mulher casada, nem com a de assimilada. Essas diferenças mantiveram-se no contexto da descolonização porque, entre a independência de um país e a superação de barreiras do estereótipo (raça, gêneros, classes), há um longo caminho a percorrer. Ou seja, por muito tempo, toda a relação entre os países africanos e americanos com as demais partes do mundo esteve baseada na oposição entre civilização e barbárie.

Tudo isso põe em cheque, segundo Mbembe (2000, p. 74), a universalidade europeia, pois a alteridade dos demais povos e sua luta por reconhecimento estão muito marcadas pela pretensão imperialista europeia e pela relação entre o branco e o não branco.

Assim, se, por um lado, os teóricos anti-colonialistas tentaram colocar a questão de um ponto de vista geral, entendendo que, ao haver homogeneidade cultural, haveria igualdade, os teóricos pós-coloniais procuram evidenciar, como já foi acentuando, as especificidades de cada identidade – e a feminina é uma delas.

Assim, se as questões de gênero foram ignoradas durante a descolonização, imediatamente pós-independência, quando Moçambique foi governado pela FRELIMO (e também durante a guerra civil), é justo que a literatura discuta o problema a partir de um ponto de vista local. Por seu turno, Chiziane tem vindo a

sustentar que não quer ser feminista⁸, mas afirma que quer apenas retratar a realidade de seu país. Entretanto, ao fim e ao cabo, seu discurso em defesa da mulher vai se intensificando, ainda que a autora não o tencione dentro dos moldes da postura feminista. O romance *O Alegre Canto da Perdiz* prova-o, porque nele apresenta dois capítulos – o dezessete e o vinte e sete – em forma de fábula sobre a sujeição da mulher ao homem. Em algumas palavras, reinos femininos são conquistados e colonizados por homens, passando as mulheres a serem escravas, o que se configura como uma alusão ao machismo e à invasão portuguesa concluída da seguinte forma: os homens, embora senhores, prendem as mulheres em casa e, por este motivo, são condenados a responsabilizarem-se pelo sustento do lar:

é por isso que os homens morrem nas guerras, nas minas, nas plantações, para levar para casa a vitória prometida. Foi assim com os marinheiros, recebidos com amor. Tentaram arrasar tudo e levar a vitória às suas damas. Falharam. Não se pode carregar toda a extensão da Zambézia dentro de um barco (CHIZIANE, 2008, p. 271).

Contudo, se há uma metáfora da emancipação feminina, esta será o romance *Niketche, Uma História de Poligamia*, que resumiríamos nas seguintes palavras: mulher, identidade, nação, cidade e tradição. O romance conta a história da esposa de Tony, Rami, que, ao desconfiar da infidelidade do marido, vai em busca de sua amante, descobrindo que não se trata de uma, mas, sim, de cinco outras mulheres, as quais Tony já tratava como esposas. Após envolver-se em pancadarias com essas mulheres, Rami torna-se amiga delas e propõe uma união poligâmica, da qual posteriormente se aproveita para incentivá-las a emanciparem-se, desconstruindo o estado poligâmico do seu casamento.

Cada uma das cinco mulheres de Tony vem de uma parte do país: duas são do Sul e três são do Norte. Note-se que, tradicionalmente, o Norte era composto por matriarcados e o Sul, por patriarcados, e que o último foi muito mais influenciado pelo islamismo, pelo colonialismo e pelo marxismo.

Ao discutir a poligamia no mundo urbano, e supostamente ocidentalizado, Paulina Chiziane expõe a sua contínua fragilização porque, distante do sistema patriarcal rural, a poligamia só se realiza em partes. É, na verdade, mais traição que poligamia. Rami, por exemplo, terá a missão de restabelecer a ordem poligâmica no seu próprio lar: une-se às outras esposas de Tony, torna pública a condição da

⁸ A autora afirma-o, por exemplo, na entrevista da Revista Kuphaluxa (2000).

família, exige o cumprimento das leis da poligamia e, por fim, estabelece o elo com as outras esposas através da dança – ritual Niketche.

Nesse contexto, Rami usa sua condição de esposa oficial, conforme assegura o estado moçambicano – monogâmico e cristão –, para exigir o “lobolo” de cada uma das outras esposas de Tony, transfigurando a cultura ocidental. No contexto familiar, o que temos é uma contínua renegociação da qual Tony se esquivava, uma “zona de contacto” (BUTLER, 1999) entre as duas culturas.

Na opinião de Owen (*in* LARANJEIRA, 2005, p. 312), Niketche trata ao mesmo tempo da questão feminina e nacional, ou melhor, da incorporação da mulher no projeto da nação moçambicana, pois não se pode mais pensar o feminino de modo estável e permanente (BUTLER, 1999, p. 2). Logo, o texto vai além das imposições do imediato pós-independente quando se pensou que a união regional e étnica resolveria os problemas da nação.

Mbembe (2010) identifica três momentos centrais no pensamento pós-colonial. No primeiro momento, estariam as lutas anticoloniais, destacando-se do ponto de vista crítico autores como Aimé Césaire e D.E.B. Du Bois e, mais tarde, Edward Said – que demonstrou que o imperialismo não é apenas um aparato econômico e militar, mas, também, uma estrutura discursiva e simbólica – e ainda Gayatri Spivak e Homi Bhabha, que acrescentaram a estes estudos conceitos advindos da psicanálise⁹ e o conceito de ambivalência, respectivamente. Num segundo momento, Paul Gilroy propõe um encontro entre as questões de raça e as questões de classe, passando-se daí ao contexto das diásporas, ou seja, procura-se verificar que lugar ocupa o negro no contexto industrial e fora do continente africano. Além disso, o discurso literário ocupará um lugar de destaque porque procura retirar das sombras aqueles seres desprezados pelos escritos coloniais, provendo o encontro entre culturas e identidades.

Assim, o contexto atual exige que as identidades sejam negociadas. Chiziane recupera histórias orais de seu povo dando voz ao subalterno feminino, embora Spivak (2009) questione esta posição, ou seja, a estudiosa questiona a legitimidade do intelectual para falar em nome do subalterno. No caso da escritora moçambicana, entendemos que ela fala como mulher e pelas mulheres porque imprime as marcas da identidade feminina moçambicana em sua obra, apontando, ainda que seja necessário um confronto prévio, para a negociação das identidades, tal como sugere Butler:

⁹ A obra de Chiziane poderia ser lida numa perspectiva de catarse social. Da leitura e interpretação dos textos selecionados, denota-se que a autora parte das raízes mais profundas de sua cultura, onde se radica o princípio das relações interpessoais, para situações em que progressivamente se vai desconstruindo a história social e os traumas coletivos moçambicanos.

S'il n'y a pas moyen de répudier complètement une sexualité culturellement construite, reste la question de savoir comment reconnaître la construction et comment faire pour "réaliser" la construction dans laquelle on se trouve invariablement prise (2010, p. 4)

Neste sentido, identificamos, neste romance, com base em Vegas (2003, p. 288) *La imaginación dialógica*, "[...] *las voces, polifonias y heteroglosias de Bajtin... como forma de expresión de los excluidos*" (VEGAS, 2003, p. 288). Ou melhor, aflora "[...] el híbrido, y habla a este propósito de una fuerza doble y parcial: la hibridación no es la introducción del relativismo cultural ni tampoco una posición de síntesis que resuelve la dialéctica de dos culturas" (VEGAS, 2003, p. 318).

Memmi e Fanon (*apud* SANTOS, 2001, p. 32) afirmam tratar-se de um discurso que destrói e recria seja o colonizador, seja o colonizado. Incide, portanto, na eliminação do conceito de diferença, antes valorizado pela colonização. Dando um lugar central à noção de hibridismo, descentra, pois, os lugares de poder. Chiziane subverte os conceitos de homogeneidade e de diferença cultural em favor dos direitos humanos, mais especificamente dos direitos da mulher.

Trata-se de um romance que conseguiu representar o país e transcender a história, resvalando para a ideia de atemporalidade e firmando-se como uma narrativa sobre o país, com propósito intencional de rever o imaginário social.

Conclusão

O intuito deste ensaio foi, particularmente, discutir o lugar da mulher e a aplicabilidade do conceito de oscilação do gênero de Judith Butler nas "literaturas emergentes", mais especificamente na obra de Paulina Chiziane. Das conclusões a que chegamos, acreditamos ser bastante coerente a aplicação desta categoria analítica para as chamadas literaturas pós-coloniais. Neste caso, as teorias dedicadas à representação do feminino devem ser conjugadas à ideia de nação na sua emergência tanto criticando as influências ocidentais como valorizando o seu contributo histórico, seja ele positivo ou negativo, para a construção (ou desconstrução e reconstrução) da identidade feminina. A romancista centra seu discurso não apenas nas relações colonizador *versus* colonizado, mas também combate-a, dando a conhecer traços da cultura moçambicana ocultos durante esse período de sua história.

Ao facultar-nos uma obra observável do ponto de vista dos conceitos de gênero, cultura e nação, Chiziane produz um discurso ambivalente (cf. Homi Bhabha, 1998) e dialógico (Bakhtin), tratando, em cada um dos seus romances, de momentos diferentes da história moçambicana e, portanto, retratando o papel da mulher naqueles contextos.

Em rigor, a voz de Paulina Chiziane poderá firmar-se como uma referência para a literatura de expressão feminina, pois a presença dessa escritora nos círculos internacionais é reveladora. Em contexto moçambicano, caberá aos sujeitos que compõem as instituições optarem por encarar esse multiculturalismo de maneira reacionária ou progressista¹⁰ assim como construir, reconhecer e valorizar as diferenças.

Referências

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CHABAL, Patrick. *Vozes moçambicanas*. Lisboa: Vega, 1994.

BUTLER, Judith. *Le féminisme et la subversion de l'identité*. Paris : La Découvert, 2010.

BUTLER, Judith. *Gender trouble, feminism and the subversion of identity*. Londres: Routledge, 1999.

CHIZIANE, Paulina. *Balada de amor ao vento*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

CHIZIANE, Paulina. *O Alegre Canto da Perdiz*. Lisboa: Editorial Caminho, 2008.

CHIZIANE, Paulina. *Niketché, uma história de poligamia*. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

CORREIA, Maria Eugênia Almeida Lopes. *Paulina Chiziane: a religião da escrita no feminino*. Faculdade Letras da Universidade de Coimbra, 2005.

¹⁰ “O multiculturalismo reacionário cristaliza e essencializa a diferença, concebendo o ‘tradicional’ como algo imutável no espaço e no tempo” (SANTOS, 2006). Contra isto, o sociólogo propõe o *multiculturalismo progressista*, que consiste no reconhecimento da “incompletude de todas as culturas e na possibilidade do enriquecimento mútuo, a partir da troca de experiências. Sem imposições” (SANTOS, 2006). (Veja-se, em especial, a entrevista presente neste endereço eletrônico: http://www.aplausos.com.br/site/portal/anteriores.asp?campo=199&secao_id=37, consultado em 04/03/2010).

GUILLÉN, Claudio. *Múltiples Moradas: ensayo de Literatura Comparada*. Barcelona: Tusquets, 1998.

GRUZINKI, Serge. *A guerra das imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MBEMBE, Achille (2010). *Essai sur l'Afrique décolonisée*. Paris: La Découverte, 2010.

MENDONÇA, Fátima. Literaturas emergentes, Identidades e Cânone. In: MENESES, Maria Paula; RIBEIRO, Margarida Calafate (Orgs.) *Moçambique: das palavras escritas*. Porto: Afrontamento, 2008.

OWEN, Hilary. A narração da nação em Niketche: uma história de poligamia de Paulina Chiziane. In: LARANJEIRA, José Luis Pires; SIMÕES, Maria João; XAVIER, Lola Geraldes. *Estudo de Literaturas Africanas, Cinco Povos, Cinco Nações*. Viseu: Novo Imbomdeiro, 2005.

SANTOS, BOAVENTURA SOUSA. Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade. In: RAMALHO, M.I.; RIBEIRO, A Sousa (Orgs.). *Entre ser e estar: raízes, percursos e discursos de identidade*. Porto: Afrontamento, 2002.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Crítica de la razón poscolonial*. Madrid: Ed. Akal, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Les subalternes peuvent-elles parler?* Paris: Éditions Amsterdam, 2009.

VEGA, María José. *Imperios de Papel: introducción a la crítica colonial*. Barcelona: Editorial Crítica, 2003.